

A FENOMENOLOGIA NAS PESQUISAS EM PSICOLOGIA E AUTISMO – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Stella Maris Souza Marques; Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

stella_msm@hotmail.com; tommy@ufu.br

Resumo:

Considerando atualmente a incidência e o cuidado de indivíduos portadores de Autismo, a ampla diversidade de teorias e modos de avaliar e diagnosticar, a homogeneidade de tratamentos, além da necessidade de que os próprios sujeitos “falem” por si e de si em vez de exclusivamente profissionais e pesquisadores, este trabalho objetiva verificar como a Fenomenologia traz algo de novo e único para a pesquisa do autismo. Para isso, foi realizada uma análise das produções de artigos, conforme uma revisão sistemática dos artigos nacionais nas bases de dados do ScieELO e do PePSIC, especificamente, na Revista Nufen e Revista da Abordagem Gestáltica com as seguintes palavras-chave: autismo, psicologia e fenomenologia, e, bem como autismo e fenomenologia. Observou-se também se, a metodologia escolhida era o método fenomenológico, visando a possibilidade de esclarecer, atenuar, avaliar, diagnosticar, prevenir e/ou tratar de modo mais coerente e adequado. Os resultados, ao final do trabalho, sugerem que há poucas fontes nacionais de pesquisa disponíveis sobre a temática.

Palavras-chave: Autismo. Espectro. Método fenomenológico.

Abstract:

Considering currently the incidence and care of individuals with Autism, the wide diversity of theories and ways to evaluate and diagnose, the homogeneity of treatments, and the need for the subjects themselves to speak for themselves and for themselves instead of exclusively professionals and researchers, this work aims to verify how Phenomenology brings something new and unique to autism research. For this, an analysis of the article productions was carried out, according to a systematic review of the national articles in the databases of ScieELO and PePSIC, specifically in the Revista Nufen and Revista da Gestalt Approach with the following keywords: autism, psychology and phenomenology and as well as autism and phenomenology. It was also observed whether the methodology chosen was the phenomenological method, aiming to clarify, attenuate, evaluate, diagnose, prevent and / or treat in a more coherent and appropriate way. The results, at the end of the study, suggest that there are few available national sources of research on the subject.

Keywords: Autism. Spectrum. Phenomenological method.

Introdução

Em 1943, o Autismo (chamado autismo infantil precoce) foi descrito pela primeira vez na literatura científica médica pelo psiquiatra Kanner a partir do relato de características comportamentais de onze crianças (Kanner, 1997). Este quadro apresentou a uniformidade de aspectos que envolvem desligamento das relações humanas, falha no uso da linguagem para a comunicação, manutenção de uma rotina,

fascinação por objetos e boas potencialidades cognitivas. Posteriormente, a definição foi revista e restrita ao auto isolamento e à insistência na preservação da rotina (Eisenberg e Kanner, 1956).

Historicamente, há registros de diversas alterações nos diagnósticos e nas descrições de comportamento e sensorialidade comum no espectro autístico, as quais intervêm no modo de perceber e de interagir do indivíduo. A título de conhecimento foi, especificamente em 1975 e acerca de diagnósticos, que o termo Autismo surgiu oficialmente pela primeira vez na *CID 9* (Classificação Internacional de Doenças) sendo categorizado como uma psicose da infância. Ademais, temos o *DSM I* e o *DSM II* (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais I e II) publicados respectivamente em 1952 e 1968, os quais se referiam a esse tipo de perturbação, até então, apenas à esquizofrenia de tipo infantil. Em 1978, Rutter propôs que o autismo fosse concebido como um transtorno do desenvolvimento e diagnosticado através dos seguintes “prejuízos”, quais sejam, interação social, comunicação, padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades (Lampreia, 2003).

Enquanto isso, no *DSM IV*, temos a categoria “Transtornos Invasivos do Desenvolvimento” (TID), cujas condições foram marcadas pelo início precoce de atrasos e desvios no desenvolvimento das habilidades sociais, comunicativas e demais habilidades. Os TIDS estão entre os transtornos de desenvolvimento mais comuns e estas inclusas características invariavelmente associadas ao retardo mental (síndrome de *Rett* e transtorno desintegrativo da infância), condições que podem ou não estar associadas ao retardo mental (autismo e TID sem outra especificação ou TID-SOE) e ainda circunstâncias tipicamente associadas à inteligência normal (síndrome de *Asperger*) (Volkmar et al., 1994). E, por fim, atualmente o diagnóstico pode ser realizado por meio de dois instrumentos oficiais, como *CID 10* elaborada pela Organização Mundial de Saúde (Organização Mundial de Saúde, 1993) e *DSM V*, da Associação Norte-americana de Psiquiatria (American Psychiatry Association, 2013). Ambos são similares e avaliam três áreas de desenvolvimento, tais como, interação social, comunicação e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (Lampreia, 2003).

Atualmente, estritamente, na versão atualizada do *DSM V*, temos então o emprego da denominação “Transtorno do Espectro do Autismo” (TEA) visando

abranger o autismo clássico e os demais transtornos do desenvolvimento que apareciam como distintos na anterior publicação.

Continuando com o objetivo de rastrear e diagnosticar os Transtornos do Espectro Autista, foi elaborado o documento *Child Neurology Society* e da *American Academy of Neurology* que conta com 12 instrumentos, os quais podem ser questionários ou instrumentos de observação direta. Os primeiros, como, *ADI-R* (Autism Diagnostic Interview – Revised) (Lord, Rutter e Le Couter, 1994), *PIA* (The Parent Interview for Autism) (Stone e Hogan, 1993) e *WADIC* (Wing Autistic Disorder Interview Checklist) (Wing, 1996) devem ser aplicados ao responsável pela criança avaliada. Enquanto que os de observação, como *ADOS* (Autism Diagnostic Observation Schedule) (Lord, Rutter, Goode, Heemsbergen, Jordanm Mawhood e Schopler, 1989) e *CARS* (Childhood Autism Rating Scale) (Schopler, Reichler e Renner, 1988), requerem uma observação direta da criança (Lampreia, 2003, p. 58).

A respeito do espectro, quantidade considerável de pesquisadores (Bauer, 2003; Lord, 1999; Munro, 1999; Schopler, 1985 apud Bloch-Rosen, 1999; Wing, 1998) considera o autismo como um *continuum* denominado “espectro autista”, conceito proposto por Wing e Gould (1979 apud Rivière, 2001), o qual foi identificando diferentes “níveis” ou categorias (Montardo e Passerino, 2010). Em outras palavras, o “Transtorno Autista” abrange então uma heterogeneidade de quadros comportamentais, como, algumas crianças apresentam uma história de desvio do desenvolvimento desde os primeiros dias ou meses de vida, enquanto outras apenas após um ou dois anos; algumas falam, outras são mudas; algumas apresentam retardo mental, outras não (Lampreia, 2003).

Em relação às hipóteses que gerariam o espectro, temos verificadas a psicogenicidade (ou linha das teorias afetivas) e a organicidade (ou linha cognitivista) enquanto duas grandes tendências. Segundo uma análise de mais de dois milhões de indivíduos, os resultados publicados em 2014 sugerem que fatores ambientais e genéticos possuem proporção equilibrada na etiologia do autismo. Isto é, a genética tem cerca de 50% de influência e o restante advém de causas externas, como nível socioeconômico da família, uso de drogas pela mãe na gravidez, infecções maternas, medicamentos utilizados antes e após o nascimento e complicações no parto (France Presse, 2014).

No entanto, acerca dos fatores externos, importante mencionar a hipótese já considerada ultrapassada de Bettelheim que apontava que o mundo exterior era aversivo à criança devido exclusivamente a uma experiência negativa vivenciada com a mãe (Orrú, 2009). Esta hipótese expressada como “mãe-geladeira” foi descartada por Delacato, uma vez que o autismo não resulta do comportamento indiferente ou frio dos pais, especialmente da mãe. Ao mesmo tempo, o autor enfatiza a importância do profundo envolvimento, principalmente amoroso, de todos aqueles que convivem com o indivíduo portador de autismo (Miranda, 2017).

Ainda relativo aos familiares, geralmente a socialização com/de pessoas com autismo é restrita ao círculo familiar e profissional, não obstante, as relações sejam essenciais para o desenvolvimento de todos os indivíduos. Ademais, segundo Lopes & Gauderer (1997), correntemente é mãe quem percebe que existe algo de incomum no comportamento de seu bebê. Nesta etapa, muitos não procuram ajuda até alcançar a fase de escolarização em que a situação se acentua e ocorrem conflitos entre escola, pais e criança. Logo, o processo de insegurança, frustração, dúvidas e “peregrinação” entre médicos, psicólogos e terapeutas se inicia até obter um diagnóstico.

Concomitantemente, os familiares buscam associações de pais e amigos do autismo com o objetivo de que seus filhos recebam atendimento, bem como aprender a lidar com os mesmos e encontrar apoio emocional. Acerca da vida no processo geral, os pais vivenciam a) resistência na busca de diagnóstico e informações; b) negação; c) raiva e culpa; d) culpa, frustração, medo, impotência, solidão, ressentimento, rejeição e fantasia de cura milagrosa; e) aceitação e percepção positiva; e, enfim, f) esperança e utopia de cura e superação (Lopes e Gauderer, 1997).

Quanto ao tratamento médico-biológico mais comum, o mesmo é baseado em uma abordagem medicamentosa destinada a redução de sintomas-alvo, como agitação, agressividade e irritabilidade, os quais impedem o encaminhamento dos pacientes portadores de autismo a programas de estimulação e educacionais. Dessa forma, é considerado o uso de neurolépticos com a combinação de vitamina B6-magnésio, fenfluramina, carbamazepina, ácido valpróico e lítio, além de uma monitoração constante dos profissionais envolvidos, uma abordagem de cunho pedagógico (Assumpção e Pimentel, 2000) e tratamento fonoaudiológico (Silva, Lopes-Herrera e Vitto, 2007).

Após todo o exposto e, segundo Lampreia (2003), o fundamental é problematizar que os itens de avaliação e diagnose são formulados de maneira bastante genérica e podem ser aplicados, muitas vezes, de maneira inconsistente. Com o objetivo de minimizar a falta de uma melhor especificação dos comportamentos avaliados, tem ocorrido uma crescente quantidade de instrumentos avaliativos ao longo dos últimos anos. Contudo, ainda é plausível o questionamento referente a que medida tais instrumentos e critérios conseguem realmente traçar um perfil mais fidedigno das habilidades da criança autista avaliada.

É possível contestar a limitação na quantidade e maneiras de tratamentos existentes, uma vez que seu foco reside numa abordagem, muitas vezes, primordialmente genética, biológica e medicamentosa como citado anteriormente. Devido a tal conjectura, surge uma população muito heterogênea de crianças portadoras de autismo (Lampreia, 2003) e sob tratamentos duvidosos ou incompletos.

Devido a tais breves argumentos, é admissível que no Brasil haja aproximadamente seiscentos mil indivíduos portadores de autismo e conforme dados europeus e norte-americanos. Assim, temos um número de quatro ou cinco casos em cada dez mil nascimentos, sendo quatro vezes mais frequente no gênero masculino (Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2003). Embora a quantidade de indivíduos portadores de autismo seja considerável, foram realizadas poucas pesquisas de cunho mais qualitativo, como autobiografias e análises psicológicas acadêmicas através das mesmas. Esse nos parece um ponto inevitável a ser levado em consideração, uma vez que estas permitem o estudo mais integrado do próprio psiquismo como alicerce para a análise da lógica do autismo. Como exemplo, temos os seguintes autistas escritores de autobiografias: Annick (Deshays, 2009), Birger (Sellin, 1995; Sellin, 1998), Carly (Fleischmann, 2012), Donna (Williams, 1994; Williams, 1996a; Williams, 1996b; Williams, 2012), Elisabeth (Bonker e Breen, 2011), Gunilla (Gerland, 2004), Ido (Kedar, 2013), Josef (Glorion e Schovanec, 2012), Naoki (Higashida, 2013), Temple (Grandin, 2011; Grandin e Scariano, 2005) e Tito (Mukhopadhyay, 2011a; Mukhopadhyay, 2011b; Mukhopadhyay, 2011c).

Considerando também a quantidade de indivíduos portadores de autismo, a ampla diversidade de teorias e modos de avaliar e diagnosticar, a homogeneidade de tratamentos, bem como a necessidade de que os próprios sujeitos “falem” por si e de si em vez de exclusivamente profissionais e pesquisadores, torna-se relevante buscar

também os núcleos únicos de significações vivenciais do autismo. Isso, para uma melhor elaboração conceitual, com critérios mais refinados dos prejuízos e competências e outras formas de tratamento, uma vez que pairam inúmeras possibilidades de caminhos metodológicos a serem percorridos, além de conteúdos e dúvidas a serem esclarecidos acerca da temática.

Desse modo, este trabalho objetiva analisar se a Fenomenologia, como uma abordagem qualitativa, tem sido usada como teoria ou método de pesquisa em Psicologia e Autismo, visando a possibilidade de esclarecer, atenuar, avaliar, diagnosticar, prevenir e/ou tratar de modo mais coerente e adequado os indivíduos com quadros autísticos.

Notadamente, o método fenomenológico é um método que produz um conhecimento metódico, sistemático, crítico e com vigor subjetivo. Contempla requisitos científicos e abarca os psicológicos, já que analisa as descrições em uma perspectiva psicológica na busca de sentidos psicológicos (Giorgi, 2001). Ademais, o estudo da alma sempre esteve presente nas discussões das escolas filosóficas e psicológicas no Ocidente. Contudo, o termo “alma” foi perdendo consistência e relevância nas problematizações devido à valorização do conhecimento natural/material frente ao espiritual-humano. A questão é que o estudo da alma, exposto por Husserl, é fundamental para a fenomenologia e para a psicologia, uma vez que tal estudo visa alcançar aquilo que é mais próprio da subjetividade psíquica (Akira, 2018). Neste sentido, o presente trabalho se justifica.

Método

Para a realização desse estudo, elegemos a revisão sistemática de literatura como método de pesquisa para analisarmos as produções nacionais de artigos, nas bases de dados ou bibliotecas virtuais do ScieELO e do PePSIC, especificamente, na Revista Nufen e Revista *Phenomenological Studies* ou Revista da Abordagem Gestáltica. O ScieELO foi escolhido como o primeiro banco de dados investigado pelo mesmo ser considerado pela United Nations, Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) (Packer et al., 2014), um dos maiores provedores de periódicos indexados de acesso aberto. Já o PePSIC por ser uma fonte da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (BVS-Psi ULAPSI),

que divulga somente periódicos e artigos em Psicologia, área que nos interessa nesse estudo. Nesse sentido, vimos para esse estudo que esses dois bancos de dados são nacionalmente bem representativos ao estudo da produção de artigos sobre Psicologia, Fenomenologia e Autismo.

Resultados e Discussão

Em síntese, a pesquisa realizada sobre os dois bancos de dados (SciELO e PePSIC) evidenciou um total de 03 artigos. Os trabalhos encontrados, aceitos e publicados em diversos periódicos nacionais, nos mostram uma escassez sobre a produção de conhecimento sobre Psicologia, Fenomenologia e Autismo, indicando poucas e limitadas reflexões sobre o autismo na perspectiva da Fenomenologia psicológica nos meios de publicação científica online.

Utilizando as palavras-chave Autismo, Psicologia e Fenomenologia no banco de dados do SciELO e PePSIC não foi encontrado nenhum artigo, enquanto que com as palavras Autismo e Fenomenologia, contamos com 3 artigos apenas no SciELO. Contudo, apenas dois trabalhos abarcam a teoria fenomenológica e nenhum dentre os 3 utiliza o método em questão. A pesquisa na base PePSIC, especificamente na Revista de Nufen e a Revista Phenomenological Studies (Revista da Abordagem Gestáltica) com as palavras-chave Autismo, Psicologia e Fenomenologia e Autismo e Fenomenologia, não foi encontrado nenhum artigo.

O primeiro artigo encontrado “O que pode o corpo de uma criança autista?” utiliza a Fenomenologia da Vida de Michel Henry visando entender a interpretação verbal com crianças autistas como uma ferramenta indispensável para criar a relação de transferência na terapia psicanalítica. Os princípios de reafirmação e conforto da Intencionalidade enquanto doadores de sentido que protegem os indivíduos com autismo contra o mundo. Embora o trabalho empregue o conceito da Intencionalidade da Fenomenologia, a pesquisa é baseada fundamentalmente na teoria psicanalítica (Tafari e Safra, 2016).

O segundo artigo “Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem” descreve a vivência de ser mãe de uma criança autista. Os autores utilizam a abordagem qualitativa e o referencial fenomenológico,

especificamente os conceitos da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger (Monteiro et al., 2008).

O terceiro e último trabalho intitulado “Psicoses funcionais na infância e adolescência” realiza uma revisão de literatura acerca das psicoses funcionais na infância e adolescência e tem como objetivo que o pediatra reconheça tais perturbações. Os autores concluem que a esquizofrenia é uma doença distinta do autismo infantil não somente por questões conceituais, mas por um embasamento na fenomenologia, genética, quadro clínico e neurológico associado (Tengan e Maia, 2004).

Continuando, a pesquisa na base Nufen com as palavras-chave Autismo, Psicologia e Fenomenologia, como Autismo e Fenomenologia, não foi encontrado nenhum artigo. Por fim, a consulta na base PePSIC, estritamente, Revista da Abordagem Gestáltica, com as palavras-chave Autismo, Psicologia e Fenomenologia como Autismo e Fenomenologia, também não temos artigos encontrados.

Os dados obtidos nos permitem constatar que há uma escassez de produções de artigos sobre o Autismo a partir da teoria fenomenológica ou cuja metodologia seja a mesma no circuito de periódicos nacionais vinculados ao SciELO e ao PePSIC. Contudo, observa-se que a produção de conhecimento a respeito da temática apresenta maior circulação em livros do que em outras fontes acadêmicas (artigos, dissertações e teses).

Concluiu-se, ao final do trabalho, a necessidade de produções com divulgação, cujas fontes sejam online e amplamente acessíveis visando contribuições aos indivíduos portadores de autismo, profissionais da saúde e cientistas interessados na temática. Espera-se que o presente artigo seja um estímulo para que os cientistas e diversos profissionais da saúde se debrucem sobre a temática.

Referências

- AKIRA, G. **A alma como realidade psíquica na fenomenologia**. *Revista Cult*, Brasil, p. 175-177, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261562202_A_alma_como_realidade_psiquica_na_fenomenologia. Acesso em: 03 fev. 2018.
- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders: DSM-5**. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013. 976 p.

ASSUMPÇÃO, F. B. J.; PIMENTEL, A. C. M. Autismo infantil. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 22, p. 2, 2000.

BAUER, S. **El síndrome de Asperger**. 2003. Disponível em: <http://www.autismo.com/scripts/articulo/smuestra.idc?n=-bauer>. Acesso em: 03 fev. 2018.

BONKER, E. M.; BREEN, V. G. **I am in here**: the journey of a child with autism who cannot speak but finds her voice. Grand Rapids, MI: Revell, 2011.

BLOCH-ROSEN, S. **Síndrome de Asperger, autismo de alto funcionamiento y desórdenes del espectro autista**, 1999. Disponível em: https://nanopdf.com/download/sindrome-de-asperger-versus-autismo_pdf. Acesso em: 03 fev. 2018.

COORDENADORIA NACIONAL PARA A INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA (CORDE). **Política Nacional de Atenção à Pessoa Portadora da Síndrome de autismo**. Brasília: Corde, 2003. Disponível em: http://www.justica.gov.br/sedh/dpdh/biblioteca/corde_Liv03.htm. Acesso em: 03 fev. 2018.

DESHAYS, A. **Libres propos philosophiques d'une autiste**. Paris: Presses de la Renaissance, 2009.

EISENBERG, L.; KANNER, L. **Early infantile autism, 1943-1955**. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 3, p. 556-566, 1956.

FILIPEK, P. A.; ACCARDO, P. J.; BARANEK, G. T.; COOK, E. H. J.; DAWSON, G.; GORDON, B.; GRAVEL, J. S.; JOHNSON, C. P.; KALLEN, R. J.; LEVY, S. E.; MINSHEW, N. J.; PRIZANT, B. M.; RAPIN, I.; ROGERS, S. J.; STONE, W. L., TENGAN, S. K.; MAIA, A. K. **Psicoses funcionais na infância e adolescência**. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n. 2, 2004.

TEPLIN, S.; TUCHMAN, R. F.; VOLKMAR, F. R. **The screening and diagnosis of autistic spectrum disorders**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 29, n. 6, p. 439-484, 1999.

FLEISCHMANN, A. **Carly's voice: breaking through autism** / Arthur Fleischmann with Carly Fleischmann. New York: Touchstone/Simon & Schuster, 2012, 391 p.

FRANCE PRESSE. **Causas do autismo seriam genéticas e ambientais na mesma proporção, diz estudo**. Folha de S. Paulo. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/05/1449422-causas-do-autismo-seriam-geneticas-e-ambientais-na-mesma-proporcao-dizestudo.shtml>. Acesso em: 03 fev. 2018.

GERLAND, G. **Une personne à part entière**. (S. Amundsen, Trad.). Mougins: Autisme. France Diffusion, 2004. 239 p.

GIORGI, A. **Método Psicológico Fenomenológico**: alguns tópicos teóricos e práticos. *Revista Educação*, v. 24, n. 43, p. 133-150, 2001.

GRANDIN, T.; SCARIANO, M. M. **Emergence**: labeled autistic. New York: Grand central publishing / Hachette Book Group, 2005. 188 p.

GRANDIN, T. **The way I see it**: a personal look at Autism and Asperger's. Arlington, TX: Futures Horizon, 2011. 339 p.

HIGASHIDA, N. **The reason I jump**: the inner voice of a thirteen-year-old boy with autism. (K. Yoshida & D. Mitchell, Trads.). New York: Random House, 2013. 208 p.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, P.S. (Org.). **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997. p. 111-7.

KEDAR, I. **Ido in Autismland**: climbing out of autism's silent prison. Lexington, KY: Sharon Kedar Publishing, 2013. 170 p.

LAMPREIA, C. **Avaliações Quantitativa e Qualitativa de um menino autista**: Uma análise crítica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 57-65, 2003.

LOPES, E.; GAUDERER, E. C. Sentimentos e emoções da família do autista. In: LOPES, E. (Org.). **Autismo**: trabalhando com a criança e a família. São Paulo: EDICON, AUMA, 1997. p.69-76.

LORD, R. **Síndrome de Asperger**. 1999. Disponível em: <http://www.autismo.com/scripts/articulo/1999>. Acesso em: 03 fev. 2018.

LORD, C.; RUTTER, M.; LE COUTEUR, A. **Autism diagnostic interview – revised**: a revised version of a diagnostic interview for caregivers of individuals with possible pervasive developmental disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, Chicago, v. 24, p. 659-685, 1994.

LORD, C.; RUTTER, M.; GOODE, S.; HEEMSBERGEN, J.; JORDAN, H.; MAWHOOD, L.; SCHOPLER, E. **Autism diagnostic observation schedule**: a standardized observation of communicative and social behavior. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, Chicago, v. 19, p. 185-212, 1989.

MIRANDA, H. C. **Autismo**: Uma leitura espiritual. Bragança Paulista, SP: Instituto Lachâtre, 2017. 272 p.

MONTARDO, S. P.; PASSERINO, L. M. Implicações de redes temáticas em blogs na Análise de Redes Sociais (ARS): estudo de caso de blogs sobre autismo e síndrome de Asperger. In: VII ENCONTRO DA COMPÓS, 2010, São Paulo. Anais... **Interface - Comunicação Saúde Educação**, 2010. v. 14, p. 921-31.

MONTEIRO, C. F. S.; BATISTA, D. O. N. M.; MORAES, E. G. C.; MAGALHÃES, T. S.; NUNES, B. M. V. T.; MOURA, M. E. B. **Vivências maternas na realidade de ter um filho autista**: uma compreensão pela enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, n. 61(3): p. 330-5, 2008.

MUKHOPADHYAY, T. R. **How can I talk if my lips don't move?** Inside my autistic mind. New York: Arcade Publishing, 2011a. 240 p.

MUKHOPADHYAY, T. R. **The Gold of the sunbeams**: and other stories. New York: Arcade Publishing, 2011b. 224 p.

MUKHOPADHYAY, T. R. **The mind tree**: a miraculous child breaks the silence of autism. New York: Arcade Publishing, 2011c. 224 p.

MUNRO, N. (Org.). Cual es la diferencia entre autismo de alto funcionamiento y el síndrome de Asperger? Disponível em:http://www.oneworld.org/autims_uk/faqs/qhfa.html. Acesso em: 19 ago. 1999.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009. 183 p.

- PACKER, A.; COP, N.; LUCCISANO, A.; RAMALHO, A.; SPINAK, E. (Orgs.). (2014). **SciELO: 15 anos de acesso aberto e comunicação científica**. Paris: UNESCO, 2014. 188 p.
- SCHOPLER, E.; REICHLER, R. J.; RENNER, B. R. **The childhood autism rating scale (CARS)**. Los Angeles: Western Psychological Services, 1988. 63 p.
- SELLIN, B. **I don't want to be inside me anymore: messages from an autistic mind**. (A. Bell, Trad.) New York: Basic books, 1995. 227 p.
- SELLIN, B. **La solitude du déserteur: un autiste raconte son combat pour rejoindre notre monde**. (M. Keyser, Trad.). Paris: Robert Laffon, 1998. 262 p.
- SILVA, R. B.; LOPES-HERRERA; VITTO, L. P. M. **Distúrbio de linguagem como parte de um transtorno global do desenvolvimento: descrição de um processo terapêutico fonoaudiológico**. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.*, v. 12, n. 4, p. 322-8, 2007.
- TAFURI, M. I.; SAFRA, G. **O que pode o corpo de uma criança autista?** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 32, p. 1-5, 2016.
- VOLKMAR, F.; KLIN, A.; SIEGEL, B.; SZATMARI, P.; LORD, C.; CAMPBELL, M.; FREEMAN, B. J.; CICCHETTI, D. V.; RUTTER, M.; KLINE, W. **Field trial for autistic disorder in DSM-IV**. *Am J Psychiatry*, v. 151, n. 9, p. 1361-7, 1994.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação das doenças mentais da CID 10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 351 p.
- WILLIAMS, D. **Somebody Somewhere: breaking free from the world of autismo**. New York: Three Rivers Press, 1994. 258 p.
- WILLIAMS, D. **Autism: an inside-out approach: an innovative look at the mechanisc of "autism" and its developmental "cousins"**. London and Philadelphia, PA: Jessica Kingsley Publishers, 1996a. 336 p.
- WILLIAMS, D. **Like color to the blind: soul searching and soul finding**. New York: Times Books, 1996b. 304 p.
- WILLIAMS, D. **Meu mundo misterioso: testemunho excepcional de uma jovem autista**. Brasília: Thesaurus, 2001. 342 p.
- WING, L. Wing autistic disorder interview checklist (WADIC). In: I. Rapin (Org.), **Preschool children with inadequate communication**. Developmental language disorder, autism, low IQ. London: Mac Keith Press, 1996. p. 247-251.
- WING, L. **El Autismo en niños y adultos: una guía para la familia**. Buenos Aires: Paidós, 1998. 287 p.
- WING, L.; GOULD, J. **Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children: Epidemiology and classification**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 9, p. 11-29, 1979.